

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO PROGRESSISTA

DIRECTOR--J. G. Paes de Villas-boas

Redacção e administração--Rua D. Antonio Barroso, n.º 43

Propriedade--EMPRESA DE «O COMMERCIO DE BARCELLOS»

Composição e impressão--Rua D. Antonio Barroso, n.º 46

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

LIGA MONARCHICA

A imprensa republicana e adjacente critica, dura e asperamente, os factos succedidos na ultima assembleia da Liga Monarchica.

Dizem elles, quando se lhes põe a descoberto as questiuiculas internas, que são homens livres e conscientes.

Exactamente o mesmo, são os membros da Liga Monarchica.

Porisso é muito natural que na referida reunião houvesse algum excesso de enthusiasmo.

Mas, se abordamos o assumpto, se nos dispuzemos a dedicar à Liga o nosso artigo principal d'hoje, não foi para fazer a apreciação dos processos de combate empregues pelos adversarios das instituições.

O nosso fim é outro.

Fundada em Lisboa a «Liga Monarchica», recebemos uma circular a que respondemos adherindo ao pensamento organisador da referida associação.

Até hoje nos conservamos em prudente expectativa.

Agora, porém, que a Liga é tão discutida, um dever de monarchicos leaes e dedicados obriga-nos a deixar expressas as affirmações do nosso pensar.

Uma Liga Monarchica, em um paiz regido por instituições monarchicas, não é nem pôde ser uma coisa semelhante às associações de propaganda republicana.

A monarchia cumpre defender a sua existência, inutilisar o ataque dos seus adversarios, destruir-lhes as armas.

Os republicanos precisam de atacar, derruir o existente para, em seu lugar, estabelecerem e fundamentarem a sua forma de governo.

A monarchia não precisa de crear forças. Basta-lhe manter a disciplina das que possui.

Os republicanos necessitam de uma organização revolucionaria.

Aos monarchicos compete apenas evital-a.

Uma Liga Monarchica, para combater os republicanos, como se a republica existisse, atacando-lhes a organização partidaria, promovendo contra elles uma reacção desorientada e in-

quisitorial, não é uma Liga Monarchica. Poderá, quando muito, ser uma liga de imbecis perigosos para a monarchia, mais ainda do que os inimigos declarados.

A Liga Monarchica deve oppôr à propaganda republicana uma ponderada anti-propaganda.

Destruir os argumentos republicanos, combater, sim, a instituição republicana.

Não como se ella existisse, mas apontando os perigos que nos trazia, o quanto é falsa a ideia de que é mais racional e liberal que a monarchia.

Mostrar nas conferencias scientificas que se ha tratadistas de direito politico que defendem a republica, outros ha, e de equal valor, que defendem a monarchia.

Nos comícios, reduzir ás devidas proporções o combate de medidas administrativas.

Mostrar que a discussão entre os partidos monarchicos é apenas o choque de theorias e principios diferentes.

Acabar com a refalsada suspeição lançada pelos republicanos aos homens publicos da monarchia.

Mostrar o contraste ante a tolerancia dos monarchicos e a intolerancia dos republicanos.

Tudo isto é muito mais tem a fazer uma Liga Monarchica, sensata e bem orientada, no seu combate contra a propaganda dos inimigos da realza.

Junto dos partidos monarchicos tem a Liga tambem uma luta e difficil missão.

Quantas discussões escandalosas, quantas más vontades pessoais, quantas ambições torpes, a Liga pôde evitar com uma intelligente e ponderada intervenção ?

E' assim que deve orientar-se a «Liga Monarchica» portugueza.

Se assim o fizer, terá prestado às instituições e ao paiz, a quem são imprescindiveis, o mais alto serviço, terão dado as melhores provas dos sentimentos que animam os seus membros.

Sem facciosismos partidarios, sem reacccionismos ferozes, sem aventuras loucas, sem os espalhafatos tólos de qualquer *snoob* em desaque, creaturas que, longe de prestarem serviços á monarchia, são os que mais a

prejudicam em beneficio dos adversarios, restando para elles apenas um envaidecimento momentaneo das seus folas e vazias cabeças.

Soldados fieis de um partido monarchico, devotadissimos servidores das instituições, nós, d'este cantinho de província, cheio de simplicidade, sob este lindo azul do ceu de Portugal, dizemos hoje aos membros da «Liga Monarchica»: — enquanto as vossas leviandades vão prejudicando a monarchia, na provincia, que é tão Portugal como Lisboa, somos nós que remediamos o mal.

Porisso temos direito a recommendar—juizo, muito juizo.

Cartas d'aldeia

Valle de Tamei, 24 de Junho

—Está este anno um dia de S. João, que parece mesmo um dia de Todos os Santos!

Hontem choveu bastante, e de modo a prejudicar immentemente os festejos e os arraiaes da noite de S. João; um desapontamento e uma grande contrariedade para os influentes e promotores dos festejos.

Mas, diga-se a verdade, eu vejo fazerem-se festejos ao S. João, d'um modo differente do que era d'antes.

Só em Barcellos, por exemplo, haviam ruidosos e lindissimos arraiaes na vespera de S. João; mas no dia do Santo havia festa solemne na Collegiada, da banda de manhã, e à tarde, no fim do sermão, fazia-se uma procissão vistosa e imponente, na qual se incorporavam diferentes bailes, em antes e ao depois da procissão, faziam o gaudio dos moradores da villa e dos forasteiros.

Era o—baile das ovelhas;—o baile dos pastores;—o baile dos pretos;—o baile do peneiro e o baile do rei David—, um dia de festa dès pela manhã até á noite.

Hoje em dia é só *lórqa* nas ruas e *tainas* nos tascos; e do Santo não se faz caso! Ora toma!

Que lindos e enormes arraiaes se não faziam antigamente em o nosso Campo da Feira, com o seu chafariz brilhantemente illuminado a luz viva, com uma pyra fantástica a levantar-se no centro de um arruamento de arvores illuminadas todas a laranja, como então se uzava! Era uma belleza! Grande quantidade de fogo solto e prezo; estendendo-se as folias e os descantes no arraial quasi até ao dia; de modo que só depois de tocar o sino do Hospital para a missa da Misericordia, 3 horas da manhã, é que o arraial ficava deserto.

Era de vêr como n'aquelle tempo os commerciantes mais importantes da villa, em pessoa e bens, como Manoel José Alves Redondo da Cruz; Manoel José Ferreira; Antonio de Sousa Lima; Antonio Joaquim de Miranda Villas-Bôos todos os mezarios da confraria de S. João Baptista, tendo na sua frente, como juiz da mesma confraria a anima-los n'um enthusiasmo quente e irrequieto, João Joaquim Pereira, secretario da administração, e avô do actual Secundino Pereira Esteves; era de vêr, dizia eu, como aquelles cavalheiros de todo o respeito e de toda a consideração, trabalhavam na organização do arraial e na illuminação do chafariz; lá vi eu, em cima das taças, a Manuel Redondo e a Miranda Villas-bôas a collocarem as tigellinhas.

Com a morte do João Joaquim Pereira, os seus companheiros, e os amigos, desanimaram; e de tal modo, que as festas do S. João em Barcellos nunca mais foram sequer a sombra, do que eram, n'aquelle tempo; e sem incomodarem, nem pedirem dez reis, a ninguém, notem os meus amigos; pois não se arruinaram com as festas a S. João, porque todos morreram deixando bons espolios aos seus herdeiros. Bons tempos! Tempos de patriotismo e de crenças, que mal nos irá, se não voltam mais!

Lembro-me de um d'esses annos, em que o dia de S. João coincidiu com uma quinta-feira do Corpo de Deus; na vespera ainda se fez o arraial no Campo da Feira, mas bastante desanimado por causa de alguns chuveiros, que cahiam a miúdo; porém, no dia do Santo, foi tanta a chuva e o temporal, que não veio a Barcellos nem viva alma; e os mesmos ramos com que se fazia o arruado no campo, cahiram todos por terra! Foi um dia d'inverno, peór, mas muito peór, que o de hoje.

A manhã de hoje esteve fria muito fria; que nem dá vinho nem dá pão, pois que:

«Chuva no S. João,

«Quita vinho, e não dá pão».

O mildiu vae invadindo e ataca o cacho, cobrindo os bagos de um bolor branco, que parece algodão em rama; esta forma de ataque é uma das mais destruidoras; e vem apañhar a maior parte da vinha sem o tratamento preventivo.

—Diz-se que o sr. ministro das justias vae apresentar ao parlamento um projecto de lei, que torne obrigatorio o registo civil.

Sim, senhor! Está salva a Patria: ficam equilibradas e melhoradas as nossas finanças e salvo o credito do paiz!

Então são bons ministros os que covardemente se vergam ás imposições de centros demolidores, de uma existencia illegal e sectaria? Não é muito mais liberal conservar o existente com o registo civil voluntario para quem o quizer? Não é novidade n'este

paiz o registo civil, ou militar, do nascimento dos individuos do sexo masculino; mas tornar extensiva esta obrigação a todos os nascimentos, casamentos e obitos, é lançar sobre o povo uma contribuição odiosa, expoliadora, e de um tal vexame que o parlamento não pôde, nem deve approvar.

O sr. ministro das justias tem bem presente outras reformas dependentes da sua pasta a que é preciso dar impulso, deixando de ser joguete de sectarios desvaitados, que o paiz despreza. Tenha juizo, se quizer.

—Hoje, na freguezia do Couto, enquanto que a gente estava na missa, entraram os larapios em uma casa por meio de arrombamento, e levaram apenas um pouco de panno de linho, e, creio que uns dez tostões em dinheiro.

A dona da casa tinha recebido o dinheiro de uma toura, que tinha vendido, mas a elle não chegaram por estar mais bem acatellado, sendo que, por certo, era com o cheiro n'esse dinheiro que os larapios lá iam.

Mais uma vez confirmado o que eu disse na minha carta de quinta-feira:—«Não deixem as casas só».

Até á semana.

PANCRACIO.

SECÇÃO AGRICOLA

A agricultura moderna

—D'antes, para ser um bom agricultor, para fazer cultura remuneradora, bastava ter bons braços e vontade de trabalhar.

Outr'ora, ainda, bastava juntar a estas duas qualidades a intelligencia e o desejo de se instruir.

Actualmente, desde que se operaram modificações tão profundas em todos os ramos da actividade humana, para ser agricultor, no sentido mais elevado da palavra, é preciso possuir noções theoricas exactas da sciencia agronomica.

Além dos conhecimentos praticos da sua arte, o cultivador deve estar habilitado a julgar da natureza e composição do seu terreno, deve saber como se nutrem as plantas que cultiva, os animaes que sustenta.

Deve, sobretudo, saber empregar racionalmente todos os elementos que podem augmentar a fertilidade do seu solo.

Antes de 1840, reinava exclusivamente a theorica do humus.

Os agronomos e os praticos mais iminentes encaravam a *materia organica* como o alimento fundamental das plantas.

A *materia organica* em decomposição, cujo typo mais perfeito se encontra no estrume de curral, era considerado como o unico alimento assimilado pelas plantas.

Não se suspeitava que os principios fertilisantes do es-

trume de curral residem principalmente nas materias mineraes (azote, acido phosphorico, potassa, cal, etc.), que elle encerra.

A agricultura debatia-se entre dois axiomas contraditorios: nem colheita sem estrume, nem estrume sem colheitas.

Com esta theoria absoluta e cega, como augmentar rapidamente a fertilidade d'um predio? Se as colheitas eram pequenas, só se podia ter pouco gado, o estrume faltava, e era consequentemente impossivel melhorar os rendimentos da fazenda.

Estava-se n'um cyclo vicioso, quando se proclamou que as plantas nutrem-se de elementos puramente chimicos.

Com a nova doutrina da nutrição das plantas pelos elementos mineraes contidos no solo ou trazidos pelos adubos, a cultura, de empirica que era, tornou-se methodica e scientifica pôde mover-se mais á vontade e passou rapidamente do periodo das pequenas colheitas ao dos rendimentos intensivos.

O estrume do curral é a base de toda a cultura pratica; entretanto todo o agricultor pôde tirar grandes rendimentos com o emprego dos adubos chimicos, quer sós, quer completando as percentagens dos elementos nobres nas adubações mixtas.

E' pela adubação mixta que nós alcançamos rapidamente o mais alto periodo da cultura intensiva.

Foi o illustre Liebig que, por 1840 demonstrou a influencia preponderante na nutrição das plantas, dos elementos mineraes. Foi elle o primeiro que annunciou o principio seguinte, d'onde decorre a revolução mais consideravel e mais feliz que registra a historia da agricultura:

«Os alimentos de todas as plantas verdes são substancias inorganicas.

A planta vive do acido nitrico, agua, acido phosphorico, acido sulfurico, silica, cal, magnesia, potassa, ferro, etc.

O estrume, os excrementos do homem e dos animaes, não influem na planta pelos seus elementos organicos, mas, indirectamente, pelo producto da sua putrefacção e de sua decomposição, isto é, depois da transformação do seu carbono em acido carbonico, e do seu azote em amoniaco e acido azotico.

Portanto, o estrume do curral pôde ser substituido por combinações mineraes similares d'aquellas a que elle dá lugar, transformando-se no solo.

D'esta ultima affirmacção nasceu a industria dos adubos chimicos, que devia modificar as condições culturaes da exploração do solo.

Segundo a theoria de Liebig, considerando a composição media do estrume, se se eliminam os elementos inuteis e aquelles que se encontram ordinariamente em abundancia em todos os terrenos, fica-se em presença de tres substancias indispensaveis á fertilidade de todos os solos.

O azote, sob diversas formas.

O acido phosphorico, assimilavel rapidamente.

A potassa, em combinações solúveis.

Pôde juntar-se a cal a estes tres elementos principaes.

O principio da industria dos adubos chimicos consiste em lançar mão d'estes elementos por toda a parte onde a natureza no-las fornece e offerece-las á agricultura sobre uma

fôrma rapidamente assimilavel, para os empregar em vez do estrume, quando elle falta, ou melhor como complemento d'este ultimo.

Eis, resumida em algumas linhas, a theoria inatacavel da nutrição das plantas pelos adubos chimicos.

Esta nova doutrina foi estudada e confirmada por todos os sabios ha 60 annos; as suas vantagens foram reconhecidas por todos os bons praticos; impõe-se a todos aquelles que querem ser do seu tempo e marchar com o progresso e a sciencia.

Em França, Georges Ville, precisou as affirmacções um pouco nebulosas de Liebig. Demonstrou a influencia dos elementos mineraes nas principaes culturas. As experiencias de Vincennes traçaram um brilhante rastro luminoso nos annos da sciencia agricola.

A agricultura deve a este sabio um justo tributo de reconhecimento.

L. MARÇAL.

CHRONICA

—Um pateta qualquer, dos muitos que por ali ha, manifestou a sua estranheza relativamente a estas chronicas. E sabem por quê? Porque o Passeante ainda não fallou de desordens nocturnas. E querem saber como o dicto pateta explica o meu silencio em tal assumpto?

Pela razão de ser administrador um amigo politico da redacção do «Commercio».

Que dizem a isto? Já viram alguém perder melhor occasião de estar calado?

Estes alarves julgam que eu estou aqui para, segundo o velho costume de «portuguezinho valente», pedir providencias ás E. m. auctoridades.

A nossa terra é tão rica em bellezas naturaes como pobre em civilisação de habitos e costumes.

Querer acabar com a zangada noturna, com a bebedeira, com o desrespeito pelos homens e pelas coisas, enfim, querer acabar com todo esse cortejo de boas acções que envergonham, deprimem e aviltam a terra, é um desejo que devem albergar todos os corações barcelloenses, devotados á terra, amantes do progresso local.

Mas querer acabar com tudo isto por meio de queixas ás auctoridades, criticas azedas aos actos d'estas, não é meio que possa entrar n'uma cabeça com miolo de gente.

Usar um tal meio seria fomentar a desordem, ir entilear ao lado d'aquelles cuja falta de educacção social é a peor doença da terra.

E' educando que tudo se consegue, é mostrando o mal que se pôde crear a repugnancia pelo mesmo mal no espirito dos que os praticam.

Apresentando e desenvolvendo no theatro, no livro e no jornal, os quadros mais negros da miseria social, fazendo d'elles resaltar as causas motrizes, e os effeitos perniciosos e perturbadores, assim se cria um espirito de consciente horror por esses effeitos, um desejo chéio de razão de evitar essas causas.

Assim se educa. Assim se modificam os homens e as sociedades, os grandes agrupamentos, as nações, a humanidade, enfim.

E' resultado d'essa propaganda, trabalhos cheios de fé em admiraveis idéias de re-

generação social, cheios de esperanza n'uma civilisação futura; é resultado d'essa semente, prodigamente espalhada, o beneficio de civilisação que gosamos hoje.

A terra é má, muita semente se perde, e porisso é preciso semear muito, muito, muito.

Não são estas chronicas mais do que diminutissimas parcelas d'essa benefica semente, applicada em intensiva cultura á nossa velha, honrada e briosa villa. São para o povo que lê, por patriotico interesse, os jornaes da sua terra, concordando ou não com as ideias n'elles expendidas, mas sempre cheio de orgulho d'elles, porque são da sua terra.

E' para este mesmo povo cuja educacção descurada o leva a commetter selvagerias, actos deprimentes, cheios de um retrocesso feroz ou de uma apathia anachronica, é para esses mesmos, principalmente para os que mais activa parte tomam nas feias acções, que eu escrevo estas chronicas.

E' para abrir os olhos aos culpados, mostrar-lhes o mal que fazem, o quanto deprimem a terra e se aviltam a elles proprios.

E' finalmente, para que germine esta semente, e o futuro nos mostre uma sã consciencia individual ao serviço de uma ponderada vontade collectiva.

Por isto, eu, dissecando, analisando, a conversa, fui apresentando as subscrições, os correspondentes dos jornaes, o mau cheiro, etc., para que os culpados vissem as culpas e a necessidade de as emendar.

E a attitude aggressiva dos visados, veio reforçar, mais ainda, se mais era possível, a necessidade inadiavel e urgente, que todos nós, aquelles que possuímos olhos de ver, temos de, cada dia mais afinadamente, com maior dedicacção, proseguir n'essa difficil luta pro Barcellos, que bem generalisar-se pôde: pro Patria, pro Humanidade.

O premio nada vale para muitos. Para outros, para quem a consciencia do dever cumprido é tudo, o premio é mais que sufficiente—dignifica e orgulha.

Eu, que me conto n'este numero, continuo e continuarei, ainda que ás vezes tenha de calcar muita lama.

UM PASSEANTE.

P. S.—O sr. Albino Leite parece que não gostou de que eu o tratasse amavelmente.

Não admira. Acostumado a ser dura e impiedosamente tratado, extranhou as caricias, e, desconfiado, colou-se em previdente defensiva. Descance, amigo, ninguém lhe faz mal! Muito obrigado. Primeiro pela honra de noticiá-lo. Não esperava encontrar-me em tal secção. Que demónio de systema tem na direcção da «Folha»?

Por esse processo não será de extranhar que qualquer dia discuta assumptos politicos na secção de «annuncios».

Já é! como diria o sr. José Arroio.

Segundo agradecimento, por dedicar-me tão grande espaço. Já é falta de materia.

Enfim, muito obrigado. Para fechar, dir-lhe-hei que não é difficil discutir sem saber com quem. Apontam-se factos? Discutem-se. Fazem-se accusações? Apresente-se defeza. Bem sei que, sem-

pre que falta razão para a defeza, ha o supremo argumento do contra-ataque, ainda que este não seja mais que um amontoado de palavras insultuosas.

Precisamente para fechar esta porta falsa de sahida, é que eu sou e serei sempre um simples

PASSEANTE.

Como se accusa...

—O que a «Folha» assaca á camara progressista, nem é correcto, como processo jornalístico, nem abona o caracter do critico: A «Folha», de má fé, lançou a insinuação de que não se sabia como foram gastos os 23 contos do empréstimo.

Reproduzimos a leal informacção, que em tempo colhemos, das obras em que foram gastos esses 23 contos.

Toda a gente vê em que esse dinheiro foi gasto.

O que seria proprio d'um character que presa a sua honra e respeito a honra alheia era dar por desfeita a insidia, e, se quizesse, exhibir criticas e censuras, a tal ou ta' acto, era dizer as razões porque o condemnava ou desaprovava.

Mas não. E' mais facil lançar novas insidias e agrindir dislates.

O mais nante da «Folha» não precisa de carregar com os livros todos das contas... para ser leal e correcto.

Despresam os as exactidões de somenos importancia, até por u nos falta o espaço, e vamos de mostrar como é inha'il e perfida a insinuação de que «devia ficar em cofre, visto não ter destino legal que os orçamentos approvados lhe deem, a quantia de 12:335:805 reis.

O mais nante diz que encontramos tres orçamentos de 1901 a 1903, tres verbas para aguas, sommando 16:335:805 reis, e que só encontrou gasto em 1902 com a tubagem e nova nasecente, reis 2:746:510.

Lego deviam ficar no cofre aquelles 12:335:805 reis, diz elle.

Toda a gente sabe que o empréstimo não foi colado em um só dos ditos annos.

As m quando se fazia um orçamento e cripturava se em receita todo o empréstimo, para se colar no respectivo anno.

Estavam em construcção as obras do edificio da Camara. A parte do empréstimo que se collocava ia correndo ao pagamento das empreitadas.

Se bem nos parece, ainda não estava approved o projecto d'aba-timento d'agua. Decretou o anno e não se dava a verba que se lhe destinava no orçamento, e como não estava realiado o empréstimo, continuaram as obrigações em poder da camara e ficavam a figurar no orçamento do anno seguinte, como receita a realisar.

Ora gastando-se 13 23 contos do empréstimo só no edificio e alargamento da rua 5:650:000 x 8 500:000 reis = 13:650:000 reis, pouco mais ou menos, e na estrada de Villa Cova n. s 4:000:000 reis e perto de 3:000:000 reis, que o censor já verificou, com documentos á vista, terem sido gastos na tubagem, etc. e em viação mais de 1:500:000 reis, o que tudo somma mais de 22 contos, fóra o que ainda não viu, mas pôde ver procurando bem, com que queia o logico censor que fi assem em cofre 12:335:805 reis?

E' tenlo-se assim esgotado aquelles 23 contos, em obras de proveito de que ahí estão utilisando a nova verba e os municipios, como qu'ria que se mandasse construir o reservatorio, embora arrematado?

Era preciso arranjar receita, e d'isso tratou a camara progressista, s' n'lo guerreada e assistida p los patriotas que na-la fazem.

—Quanto ao rendimento do imposto da feira, d'ixem-se de insinuações, e visto que carregaram para casa com todos os livros—examinem os o lá en ontrarão as receitas e despesas escripturadas.

Se presam a sua honra, repetem a alheia.

—Quanto a erros e a politiquice, havemos de mostrar ao publico que a camara actual tem feito mais em alguns mezes, do que a progressista em 10 annos, e mais não se pavoneava com o manto da virtude e da andura do nacionalismo.

Muitos peccados se pagam até n'este mundo...

Esperem que a historia do seu consulado hade ser feita com todo o rigor e exactidão.

NOTAS LOCAES

Politiquice

A «Folha da Manhã» não gostou.

Paciencia, collega, bem sabemos que é officio duro d'fnder quem não tem defeza possivel.

Ag ra l'onga mão de um recurso muito velho—escrever muitas, muitas palavras a ver se nos aturde e desorienta a opinião publica.

Não o consegue.

Se quer seguir um conselho d'amigo, quando lhe appr e em casos d'estes, não provoju: a discussão. Não caia n'essa! Não lhe toque! não lhe toque, que é peor!

—No caso de Barqueiros, desagradou a nossa «repisa» por não haver meio de responder-nos.

—No caso dos clinicos, idem, idem. Lá se os seus correligionarios estão fóra da lei, e os nossos d'entro d'ella, que havemos de fazer-lhe?

Lamentar a situação difficil em que se vê a «Folha».

—As verdades que tornamos publicas a respeito da administração, causaram por lá um certo mal-estar.

Que o sr. dr. José de Castro recebeu os favores referido; e mais mais, é verdade incontestada e incontestavel.

Continuamos a acreditar em que o sr. dr. Faria é absolutamente extranho á má-ventade rev'ada pela «Folha». Ella mesmo o dá a perceber.

Toda a gente sabe que o sr. dr. Monteiro se considera chef, dizendo, até, que a «Folha» está ás suas ordens, phras 'proferida em tom que não d'ixo a lugar a duvidas.

Que o grupo da villa e quasi todo do sub-chefe, é coisa mais que sabida.

Se entre os srs. dr. Faria e Visconde da Fervença ha troca de amabilidades pessoais, i-so é p'oprio de pessoas bem educadas que mantem entre s'as melhores relações de officio.

E isto são coisas entre s,

ex.^{ta}, nem a «Folha» nem nós, temos o direito de querer saber.

Poiticamente o sr. dr. Faria recebeu da camara progressista tantos ou mais favores do que o nosso mais graduado correligionario.

O pago d'esses favores não é das mais bonitas provas de lealdade da parte do chefe, *in nomine*, como por ahí se diz, do partido regenerador local.

Mas, apesar de tudo, o sr. dr. Figueiredo de Faria era incapaz de inspirar a campanha oidentada da «Folha».

Estamos a vêr o inspirador.

Collega, sabe que mais? —quando o inspirador lhe apparecer a insiga-lo, leia-lhe o penultimo periodo da local d. sabbado passado, e diga-lhe que... escreva elle.

Não queremos terminar sem transcrever:—«o sr. dr. Faria, muito a contento de todos os regeneradores, continua e está no seu posto de chefe do partido regenerador local.»

Está, parece que sim, mas a fingir. Agora muito a contento, oh! collega, essa é foiz.

Cá sabe-se tudo!

Festa de caridade

—Raras vezes tem o localista barcollense occasião de noticiar festas, que tão bem impressionassem como o espectáculo de domingo ultimo, em beneficio das victimas sobreviventes da horrorosa catastrophe do Ribatejo.

A nossa villa, que tão pouco interessada parecia, soube desfazer uma suspeita que, dia a dia, se ia avolumando e crescendo.

E, se por um lado demonstrou que bem sabe cumprir os seus deveres de solidariedade, por outro lado fez radicar no espirito de quem assistiu á festa, o convencimento de que possuímos elementos de primeira ordem, e o desejo de aproveitar mais essas actividades intelligentes, servidas por obsequiosas boas-vontades.

—O espectáculo constou de duas peças de theatro: «As rosas de todo o anno», [de Julio Dantas], e de uma traducção franceza «Duas lições n'uma só», ambas pela primeira vez representadas em Barcellos.

A primeira é uma delicada filigrana, muito de Julio Dantas, entre nós inexcédível no genero.

E' um sentimento, um incidente, sobre que se reconstitue uma epocha, tudo tratado com um delicado amor, um terno carinho por esta boa terra portugueza.

Foi representada pelas ex.^{mas} sr.^{as} D. Elisa Vinha e D. Maria Victoria Simas Machado.

A segunda é uma peça franceza. E, se como parece, deixa algo a desejar, mais ainda depois de transplantada.

E' pequena; bem, mas... aqui não é logar para criticas.

Foi representada pelas referidas senhoras e pelos ex.^{mos} srs. Visconde da Fervença, Antonio Albino d'Azevedo e Eduardo Martins.

Todos os amadores foram correctissimos no desempenho

dos seus papeis. Ainda que não seja costume fazer apreciações, nós pediamos licença e desculpa para dizer alguma coisa.

De D. Elisa Vinha já são conhecidos os meritos de distinctissima amadora, representando muito, muito bem.

D. Maria V. Simas Machado, revelou-se-nos um soberbo temperamento artistico. Diz muito bem, com muita intelligencia, vestindo o personagem, e revelando pela sua presença de espirito e justeza de attitudes,—um perfeito conhecimento de segredos scenicos.

Dos actores, permitta-se-nos sem offensa de muitos, que destaquesmos o sr. Visconde de Fervença, distinctissimo e muito estudioso amator, que, em algumas situações, mais parecia um profissional de primeira plana.

—O resto do programma foi preenchido pela ex.^{ma} sr.^a D. Emma Lamella, sua interessante filhinha e a menina Maria da Graça e pela sua condiscipula, a ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Maciel.

A primeira esteve bem á altura dos seus justos creditos de professora, quer nos numeros que executou, quer no aproveitamento demonstrado pelas suas discipulas. Estas, tocando a par da mestra, deixaram a melhor impressão, mostrando o quanto os seus meritos pessoas auxiliaram o ensino que lhes foi ministrado.

Houve mais duas poesias de Guerra Junqueiro e Thomaz Ribeiro, respectivamente recitadas a primor pelos srs. Visconde de Fervença e Antonio d'Azevedo.

Ml.^o Simas Machado recitou tambem o «Minueta», [de Gonçalves Crespo], ouvindo muitas palmas.

Abriu o programma o discurso do sr. presidente da Camara, dr. Augusto Monteiro, sendo muito applaudido.

A orchestra continuou revelando progresso.

Foi, enfim, uma festa que a todos deixou as melhores recordações, vendo-se os camarotes guarnecidos de gentis e elegantes damas.

Incendio

—Na passada quinta-feira pelas 11 horas da noite, manifestou-se incendio, na rua do Bom Jesus da Cruz, d' esta villa, no predio pertencente ao sr. Manoel Vicente Ferreira, e por este e sua familia habitado. O predio ardeu todo.

Felizmente, não houve desastres pessoas a lamentar, e poderia haver-los, segundo dizem, se uns visinhos não fossem, rapidamente, buscar ao interior do predio, já em channmas, duas filhas do seu proprietario, pois este e sua mulher e filha mais velha, encontravam-se aquella hora em Barcelinhos, a vêr o arraial de S. João.

Tudo ardeu, como já dissemos, e se não fosse o trabalho de localisação, feito pelos bombeiros com a cooperacão dos popuhres, por certo teria o incendio reduzido a cinzas outras casas que lhe ficavam juntas.

O predio incendiado estava seguro na «Nova Companhia Douro.

AVISO

A administração do «Commercio de Barcellos» prepine os assignantes d'este jornal de que deixou de ser seu empregado, o typographo Custodio José Perelra, d' esta villa.

Dr. Nogueira Souto

—Com suas ex.^{mas} esposa e filha, regressou, na terça-feira ultima, a esta villa, o sr. dr. Nogueira Souto, illustre juiz de direito d' esta comarca.

O integerrimo magistrado, que, como aqui noticiamos, soffreu, em Lisboa uma operacão que, felismente, teve o melhor exito, encontra-se já restabelecido, com o que muito folgamos. Sua ex.^a regressou magnificamente disposto, tendo reasumido, na quarta-feira, as funções do seu elevado cargo. Na «garra» do caminho de ferro aguardavam suas ex.^{as} muitas damas e cavalheiros d' esta villa.

Cumprimentamos suas ex.^{as} e felicitamos o sr. dr. Nogueira Souto pelo seu restabelecimento.

As fest'as de S. João

—Estiverem muito luzidas as festas que se realisaram, ao S. João, n' esta villa e em Barcelinhos.

As duas commissões despicaram-se a valêr.

O mau tempo não consentiu que na quarta-feira se cumprissem os programmas. Apenas as musicas percorreram as ruas da villa e de Barcelinhos e os «Zéspereiras» atordoaram os ouvidos dos barcollenses. Ainda assim, com o mau tempo, se realisou em Barcelinhos o torneio promovido pelo Sport Club Barcollense, sendo os premios assim distribuidos:

- 1.^o—Ao sr. Visconde de Fervença.
- 2.^o—Ao sr. Jorge Azevedo.
- 3.^o—Ao sr. Miguel Macedo.
- 4.^o—Ao sr. Eduardo Martins.
- 5.^o—Ao sr. Joaquim Vinagre.

Na quinta-feira é que se effectuou tudo.

Pelas 4 horas e meia da tarde, realisou-se a batalha de flores, n' esta villa, que esteve animadissima. A' noite, o arraial, que era d' um aspecto lindo. A banda dos nossos voluntarios tocou um lindo repertorio. O fogo era razoavel.

Em Barcelinhos, tambem pelas 4 e meia da tarde, se realisou a regata, ganhando premios: o 1.^o e 2.^o o sr. Joaquim d' Araujo, o 3.^o o sr. João Carvalho.

A' noite vimos alli um extenso arraial, pelo largo da Ponte e areal do rio. Era de effeito. O fogo aquatico, do distincto artista Devezas, do Porto, foi esplendido; o do ar, muito bom.

N' esta festa tocaram as musicas de Areias e a da Officina, d' esta villa.

E foram assim as festas de S. João. Todo o programma se cumpriu, nas duas festas, e estas foram mais vistosas do que se esperava.

Necrologia

—Falleceu ha dias, na freguezia de S. Martinho de Gallegos, o sr. Manoel José Alves de Campos, irmão do nosso respeitavel amigo sr. Joaquim da Silva Campos, abastado proprietario e capitalista, residente em Braga.

O finado era muito bem visto na sua freguezia pelo seu caracter e qualidades de trabalho, sendo o seu fallecimento deveras sentido. O funeral, que teve numerosa concorrência, realisou-se n' aquella freguezia; d' esta villa, foram assistir, entre outros, os seguintes cavalheiros:—dr. Vieira Ramos, Commendador Coelho Gonçalves, Antonio Guimarães, José Joaquim da Silva, Martinho de Faria, etc. etc.

A familia enlutada, e especialmente ao nosso amigo sr. Joaquim da Silva Campos, apresentamos sentidos pezames.

—Tambem se finou hontem, na freguezia de Viatodos, o sr. Joaquim Pereira Barbosa, estimado proprietario d' aquella freguezia e cunhado do nosso presado amigo sr. Joaquim José d'Oliveira, digno pharmaceutico e proprietario na mesma freguezia.

O funeral teve logar hoje, em Viatodos, com muita concorrência. D'aqui foram aquella freguezia assistir ao enterro, os srs. dr. Vieira Ramos, Commendador Coelho Gonçalves, José Alves de Faria, etc. Os nossos pezames á familia enlutada.

Baptisado

Foi baptisado, domingo ultimo, na Igreja Matriz, o filhinho do nosso distincto amigo, sr. dr. Mattos Craça, muito habil clinico. Foram padrinhos o ex. s. dr. Miguel Pereira da Silva e a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Luiza de Mattos Craça, após do neophito, que recebeu o nome de Miguel.

Presidiu á cerimonia religiosa o nosso presado amigo, rev. Padre Antonio Paes de Villas-Boas e assistiram as familias Paes e Mattos Craça.

«O Correio da Noite»

N' este nosso distincto collega da capital agradecemos a transcripcão de parte do editorial do nosso ultimo numero.

Varias noticias

—Os bilhetos para a excursão a Sant' Iago de Compost'la, podem ser pedidos ao sr. Aurelio Ramos, que dará tambem indicacão.

—Hontem, resou se no templo do Bom Jesus da Cruz uma missa commemorando o 30.^o dia do fallecimento do sr. João Botelho da Silva Cardoso, mandada dizer por a familia do extincto, que foi muito concorrida.

SANTA ISABEL

—No proximo domingo realisase na Santa Casa da Misericordia a festaividade de Santa Isabel.

Pela manhã ha missa em toda na Igreja e do tarde estará em exposicão o Hospital e Asylo, tocando na C. rea a excellente banda dos Voluntarios.

Dia a dia

Fazem annos:

- Hoje, o sr. Antonio de Macedo Martins Lima.
- Dia 29, o sr. Augusto So tunato dos Santos Ferreira.
- Dia 30, o sr. dr. José Bellejo da Costa de Almeida Ferraz.
- Dia 1 de Julho, o sr. Luciano da Silva Campos.
- Dia 2, o sr. Delfino Pereira Esteves.

—Estiveram em Braga, os srs. dr. Figueiredo de Faria e Domingos de Figueiredo; e no Porto, o sr. Albino Leite, redactor da «Folha da Manhã»

—Com sua ex.^{ma} esposa, partiu ha dias para o Cerez, o sr. Antonio Thomaz d'Araujo.

—Está n' esta villa, em casa de seu irmão o sr. dr. Pinto Ribeiro, digno delegado do Procurador Regio d' esta comarca, a ex.^{ma} sr.^a D. Cecilia Pinto Ribeiro.

—Esteve no Porto o nosso presado amigo e collega, sr. Luiz Ferraz.

—Vimos n' esta villa o n.º 30 patrição sr. maior Domingos Bellejo da Costa.

—Esteve n' esta villa o nosso amigo sr. dr. Alberto de Sepulveda, digno advogado e notario em Samalicao.

—Com pouca demora esteve n' esta villa, no ultimo domingo, o nosso respeitavel amigo, sr. abt. Antonio Fernando Paes Villas-boas, digno Pregador Regio.

—Esteve em Braga o nosso illustre amigo sr. dr. Vieira Ramos, digno deputado da nação.

—Vimos aqui o sr. dr. Vieira d'Araujo, advogado em Vienna do Castello.

—Com sua ex.^{ma} esposa esteve n' esta villa o sr. dr. Alfredo d' Almeida advogado no Porto.

—Com pequena demora esteve n' esta villa o sr. Conde de Azevedo, illustre deputado da nação.

—De visita á sua familia está n' esta villa o nosso patrição, sr. Fernando de Miranda Aboiz, socio de uma importante casa commercial do Pará, —Brazil.

—Partiram para o Cerez o Sr. Manoel Ramos de Paula e esposo, e a Sr.^a D. Thereza d'Oliveira Beneficentes e filha.

—Esteve n' esta villa o Sr. Francisco Barboza Souto Maior, de Estarreja.

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

No dia quatro do proximo futuro mez de Julho, por 11 horas da manhã, tem de proceder-se no tribunal d' este juizo, á arrematação dos seguintes generos de consumo:

—24 hectolitros e 35.1 de milho branco avaliado em 82\$790 reis;

—1 hectolitro e 26.1 de feijão branco, amarello e meudo, avaliado em reis 5\$040;

—33 hectolitros e 34.1 de vinho, avaliado em rs. 60\$012;

—90 duzias de palha milha, avaliada em reis 6\$300.

Os quaes são a importancia dos rendimentos dos bens penhorados e arrematados aos executados Joaquim da Costa Valle e mulher, de Chorrente, na excucão que lhes move Manoel Joaquim Domingues d'Oliveira Junior, de Gual.

Pelo presente são citados quasquer credores desconhecidos dos executados, para fallarem aos termos da excucão e de ouvirem os seus direitos.

Barcellos, 23 de Junho de 1909.

Verificado.

O juiz de direito

N. Souto.

O escrivão

Manoel Cardoso e Silva.

LOJA DO POVO

DE **João de Sousa**

Rua D. Antonio Barroso—Barcellos

SEMPRE:

Magnifico sortido de flannels pretas, piquets, diagonaes e casimiras de cor, para fatos de sobrecasaca, casaca, frak e palletot.

Rica collecção de phantasias para vestidos, etc.

Flannels, chitas, morins, pannos crus, riscados, etc., etc.

Completo sortido de miudezas e tecidos para forros

NINGUEM compre sem ver o sortido d'esta casa, que tem por norma:

Vender barato, para vender muito

Restaurante e Salchicharia

DE

ANTONIO D'OLIVEIRA MATTOS

—**Barcellos**—

Presuntos, chouriços, salpicões e paos—de Melgaço, Lamego e Apantejo; presunto e carne fresca de porco, fiambre e salame; queijo da Serra, Crages, S. Caetano, Rabaçal e Papel; azeitonas, ervilhas, conservas de Espinho, sardinhas em azeite, manteiga, pickles e tomates, manteiga de Deu Christi (Vianna do Castello); ananaz, bananas, do e do Brazil (abacachis e goyabada), pasteis de doce, laranja, bolacha Maria, tosta e biscoitos para chá; azeite da Villariça a 360 rs. o litro, azeite da Brandão Gomes, finissimo azeite de Mirandella para vender a retalho. Especial café moído a 720 rs. o kilo, chá preto e verde.

Vinho da Quinta do sr. dr. Ramos a 30 e 40 reis o quartilho, vinhos verdes e de meza da R. C. Vinicola:—alimentar, Duro, leve, branco, Ermida, gasoso, champagnes e tudo mais que é dado a uma salchicharia bem montada, assim como esta.



PHARMACIA

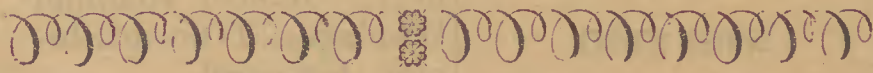
DA

Santa e Real Casa da Misericordia da Barcellos

Edificio do Hospital

Director—Avelino Ayres Duarte, pharmaceutico de 1.^a classe pela Universidade de Coimbra

Esmerado sortimento de todos os artigos que guardam uma boa pharmacia. Agencia de seguros.



Pharmacia e Drogaria

Carlos Maria

Vieira Ramos

Pharmaceutico

Rua Barjona de Freitas.—Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Aguas mineraes—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completo sortido de tintas, oleos, alvaiades, vernizes, pinceis etc. etc.—Medicinas nos pregos.—Pulverisadores dos m. flores auctores.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

As Mentiras Convencionaes da Nossa Civilisação

Por **Max Nordau**

Traducção de Agostinho Fortes

Publicação mensal de elegantes volumes de 200 paginas pela insignificante quantia de 200 rs. em brochura e 300 reis encardonado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer.

Condições d'assignatura

Pagamento adeantado por vale do correio ou em estampilhas postaes por carta registada.

Franco de porte

Anno 12 vols. brochados 2\$400.

Meio anno 6 vol. " 1\$200

Avulso 200 reis!!

Anno 12 vol. enc. 3\$600

Meio anno 6 vol. enc. 1\$800

Avulso 300 reis!!

A' venda em todas as livrarias, correspondentes de provincia e no editor

Abel d'Almeida

Rua do Alecrim, 80, 82—Lisboa



Pede-se a attenção do exm.^o publico para a leitura do annuncio abaixo, dos unicos ateliers da Europa, artisticos, a arte reunida, com quem ninguem pode competir em vista do conjunto dos ditos, vendendo todos os artigos por metade dos preços de qualquer outra casa

A unica fabrica que ha completa na Europa em



Sellos em branco para repartições e companhias, carimbos de metal, borracha e para laçer, numeradores, timbragens a cores, relevos, monogrammas e brazões, prensas, balancés, cunhos, alicates para sellar chumbo, fabrica de chapas esmaltadas em metal e ferro, gravura em pedra e seus anneis. Litographia, Typographia, Papellaria, Ferragens, bilhetes, trabalhos superiores, etc. é a casa A. L. FREIRE gravador, o qual tem feito viagens de estudo á Alemanha, Austria, França, Inglaterra, e grande CASA de muitos artigos, aonde emprega mais artistas que todas as outras reunidas do paiz. Mandam-se as encomendas para a provincia á cobrança, por isso podem fazer os seus pedidos, de tudo que vv. ex.^{as} desejarem, para lhe serem remetidos sem demora.

A. L. FREIRE GRAVADOR

94 a 96, rua da Victoria,

Rua do Ouro, 158 a 164

Telephone, 945—LISBOA

adresse telegraphico—ERIERF

BRINDE—Todas as compras superiores a 800 reis, o freguez pode requisitar um calendario-chronico para escriptorio com bloque.



Grandes Armazens de fazendas

DE

AURELIO RAMOS

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas

BARCELLOS



Pulverisadores

Sulfato—Enxofre

Na antiga casa MARQUES, rua D. Antonio Barroso, antiga rua Direita, alem de ferragens, tinta vidros, carvão, ferro e arame para ramadas, vendem-se **Pulverisadores** nacionaes e estrangeiros de todos os auctores, bambus e tubo de borracha para sulfatar, **sulfato** de cobre, **enxofre** em pó e pedra, e outros artigos tudo de primeira qualidade, e preços sem competencia.

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

(SUCCESSOR)



A MODA ILLUSTRADA

Jornal das Familias

Publicação semanal

Directora—D. Leonor Maldonado

Esplendido jornal de modas contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéus, *toilettes*, phantasias e confecções tanto para senhoras como crianças.

Moldes cortados em tamanho natural.

Cada numero da «Moda Illustrada» é acompanhado de um numero do «Petit Echo de la Broderie», jornal especial de bordados em todos os generos.

80 e 100 reis por semana no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias e na do editor

Antiga casa Bertrand—José Bastos

Rua Garrett, 75—LISBOA

Companhia de Seguros

“Fraternidade,”

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 200:000\$000 reis

Setimo anno de bonus aos srs. segurados

Esta companhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agentes em todas as localidades da provincia do Minho.

Séde em Braga.

Agente em Barcellos

Eduardo Ellydio Vieira Ramos